

Guerra no Irã aumenta exploração e abandono de trabalhadoras migrantes

Empregadores confiscam passaportes de subordinadas e dificultam fuga no conflito

Renan Marra

SÃO PAULO Quando Israel voltou a bombardear com intensidade o Líbano —um desdobramento da guerra no Irã— em março, a trabalhadora doméstica Mariatu (nome fictício), 28, de Serra Leoa, foi levada às pressas junto de seus patrões para um hotel numa região considerada mais segura.

Uma semana depois, ela foi desalojada sob o argumento de que as despesas eram altas demais. Encontrou-se, então, sozinha e aterrada durante o conflito, sem apoio e à mercê da própria sorte no país estrangeiro.

Na crise humanitária que já matou e forçou o deslocamento de milhares no Oriente Médio, os trabalhadores domésticos, majoritariamente migrantes, formam um dos grupos mais vulneráveis, expostos a abusos, exploração e abandono. Trata-se do reflexo de uma cultura que invisibiliza e dificulta a proteção sobretudo das mulheres que atuam no setor.

É comum que os trabalhadores domésticos no Oriente Médio estejam submetidos a um sistema chamado kafala, que impede os empregados de deixar as áreas de risco, de acessar a ajuda humanitária ou de retornar com segurança aos seus países de origem, de acordo com alerta feito pela Federação Internacional das Trabalhadoras Domésticas (IDWF, na sigla em inglês).

Esse regime, usado para a contratação de migrantes, vincula o estrangeiro a um “patrocinador local”, que passa a ter controle

sobre a vida profissional e, não raro, também pessoal do trabalhador. Ao abandonar o emprego, ato com frequência criminalizado como “absconding” (“fuga”, em português), ele passa à condição irregular e fica sujeito a prisão, detenção e deportação.

“Na prática, ela [trabalhadora] só pode sair se o empregador concordar em encerrar esse vínculo. Esse modelo permite abusos recorrentes, incluindo a retenção de passaportes. É comum que empregadores confiscuem os documentos das trabalhadoras, eliminando qualquer possibilidade real de autonomia”, afirma à Folha Nada Wahba, coordenadora regional da IDWF no Oriente Médio e norte da África.

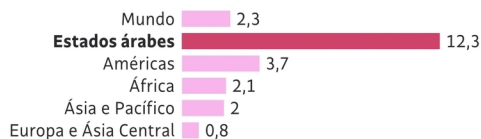
Os abusos aumentam em contextos de guerra. Com frequência as trabalhadoras domésticas são tratadas como descartáveis, o que significa que elas ficam de fora de políticas de proteção, segundo Wahba. E a desvalorização histórica do trabalho de cuidado torna as migrantes mais vulneráveis.

Durante o conflito, crescem os casos de abandono mesmo em áreas consideradas de maior risco, além de relatos de acesso restrito ou negado a serviços de emergência e abrigos. “Sem documentação, elas têm medo de acessar serviços, ainda que estejam disponíveis”, diz a coordenadora da IDWF. “E mesmo que queiram ser repatriadas, muitas vezes não conseguem.”

Mariatu, a migrante de Serra Leoa levada para o hotel no Líbano, viajou ao país com a pro-

Trabalho doméstico representa a maior porcentagem do emprego total nos Estados árabes, acima da média global

Em %

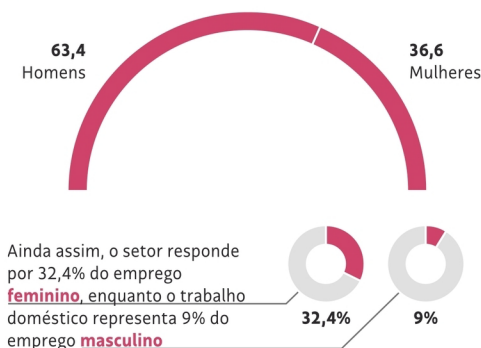


Nos Estados árabes...



A região é a única em que o número de homens trabalhadores domésticos é superior ao de mulheres

Em %



Fonte: Organização Internacional do Trabalho

de obter um bom emprego e uma vida financeira melhor. Depois de ser rejeitada pelos patrões, foi direcionada à Domestic Workers Advocacy Network (DoWAN), uma das organizações criadas por trabalhadoras estrangeiras para responder à ausência de proteção estatal, onde recebeu suporte e abrigo.

“Ainda não consigo dormir, pois ouvimos os bombardeios. Comecei a deixar a porta aberta para conseguir correr em caso de emergência”, afirma ela, que teve o nome verdadeiro suprimido nesta reportagem por questões de segurança.

A DoWAN foi criada por Mariam Sesay, também nascida em Serra Leoa e que trabalhou como doméstica ao chegar ao Líbano, em 2014. Ela diz ter sofrido abusos por parte dos patrões, inclusive de cunho sexual, antes de fugir. No início da guerra no Irã, o grupo apoiava de 10 a 15 pessoas por semana. Pouco mais de um mês depois, esse número saltou para cerca de 250 no mesmo período, incluindo Mariatu.

Apesar da baixa proteção, o setor é relevante para a economia local. O trabalho doméstico representava 12,3% do emprego no Oriente Médio e mais de 32% do emprego feminino nos Estados árabes, bem acima da média global de 2,3%, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgados em dezembro de 2021, no relatório mais recente. Isso ocorre, entre outros motivos, devido à baixa participação feminina local em outras áreas do mercado de trabalho.

Além de situações de abandono, o conflito aumenta o isolamento das trabalhadoras migrantes, o que pode facilitar práticas trabalhistas irregulares, como jornadas excessivas sem direito a folgas, de acordo com Alejandro Ben Braga, oficial de programas da IDWF.